

A (RES)CONSTRUÇÃO FEMININA NOS POEMAS DE ALICE RUIZ: POR UMA LITERATURA QUE TRANSITE (TAMBÉM) NAS ESCOLAS

FEMALE (RES)CONSTRUCTION IN ALICE RUIZ'S POEMS: FOR A LITERATURE THAT IS (ALSO) IN SCHOOLS

Aline Barbosa de Almeida Cechinel  <https://orcid.org/0000-0002-2803-6430>
Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação
Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente
ab.alinealmeida@gmail.com

Andréia de Oliveira Alencar Iguma  <https://orcid.org/0000-0002-3522-4536>
Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação
Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente
dheia_oliveira@hotmail.com

Marivaldo Omena Batista  <https://orcid.org/0000-0002-8996-9891>
Secretaria de Educação - Sertânia (PE)
mobj-de88@hotmail.com

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13561942>

Recebido em 09 de fevereiro de 2024

Aceito em 27 de março de 2024

Resumo: O fazer poético desempenha um papel fundamental no campo representativo, expressando situações históricas de um povo. Logo, a poesia não é somente uma combinação verbal, mas trata-se também da representação das nuances políticas de uma época, legitimando lutas sociais e de gênero. Os textos literários de autoria feminina são espaços onde ecoa a voz da mulher, a qual ainda enfrenta muitas lutas para se reconhecer e se tornar conhecida no meio artístico e cultural. Nesse sentido, este artigo tem como propositura apresentar a poesia de Alice Ruiz, como também os discursos pertinentes à mulher no contexto das experiências humanas e ideológicas. Nesse sentido, Hegel (1980), Cohen (1974), Staiger (1975) e Spitzer (2003) proporcionam a percepção da linguagem poética de Alice Ruiz; da mesma forma, Foucault (2014), Showalter (1994) e Vianna (2004) propiciam a apreensão das camadas discursivas, as quais contemplam temas como corpo, amor e tempo. À vista disso, consideramos relevante a recepção da poesia de Alice Ruiz no espaço escolar, uma vez que amplia a compreensão dos(as) estudantes sobre poder e gênero.

Abstract: Poetic creation plays a fundamental role in the representational field, expressing the historical situations of a people. Thus, poetry is not only a verbal combination but also a representation of the political nuances of an era, legitimizing social and gender struggles. Literary texts authored by women are spaces where the voice of women resonates, who still face many struggles to be recognized and to become known in the artistic and cultural fields. In this sense, this article aims to present the poetry of Alice Ruiz, as well as the pertinent discourses related to women in the context of human and ideological experiences. Hegel (1980), Cohen (1974), Staiger (1975), and Spitzer (2003) provide an understanding of Alice Ruiz's poetic language; similarly, Foucault (2014), Showalter (1994), and Vianna (2004) offer insights into the discursive layers that address themes such as body, love, and time. Therefore, we consider the reception of Alice Ruiz's poetry in the school environment to be relevant, as it broadens students' understanding of power and gender.

Palavras-chave: Alice Ruiz. Poesia. Mulher. Recepção.

Keywords: Alice Ruiz. Poetry. Woman. Reception.



1. Considerações Iniciais

Este texto, escrito a seis mãos, nasce do desejo de três sujeitos em olhar para a poesia escrita por Alice Ruiz a fim de contribuir com a construção de leitores(as), em especial, os(as) jovens, mediante práticas de leitura mediadas pelo(a) professor(a) em sala de aula. Ainda há uma ideia falaciosa e perigosa de que ler poesia é mais “difícil” do que ler narrativas. Esta constatação se perpetua no senso comum e, infelizmente, reflete diretamente na produção e circulação de poemas, aqui, pensando nos que transitam dentro do espaço escolar. Nesse prisma, Vera Teixeira Aguiar e João T. Ceccantini (2012, p. 08), argumentam que:

os pesquisadores pouco têm-se ocupado da poesia dedicada às novas gerações, o que se pode constatar em qualquer levantamento de trabalhos científicos sobre a área. Livros, artigos, dissertações e teses privilegiam a narrativa em suas variadas modalidades, talvez devido ao caráter familiar dos versos, presentes no imaginário de todos desde sempre. Em outras palavras, de poesia infantil todos entenderiam; mais nada haveria a dizer sobre ela. Mas existe, no entanto, um espaço a ser preenchido nos estudos da literatura, porque a intimidade com os textos poéticos não garante o conhecimento específico de sua natureza, de seus recursos expressivos e de seu valor estético.

Pensar sobre o estudo de poesias na sociedade contemporânea é urgente. Nossas juventudes estão sendo engolidas por diferentes violências provenientes do discurso neoliberal e de uma onda conservadora que ganhou força nos últimos anos e, com isso, o tempo dedicado à escuta, ao trabalho com a palavra no campo estético, o convite a olhar para si e para o outro, por meio da literatura, tem sido encurtado, e, em alguns espaços, anulado. Posto isso, validamos que o trabalho com a poesia, diferente da narrativa, exige um outro tempo de leitura e de concentração. A especialista Alice Áurea Pentheado Marta (2012, p. 49) pontua que:

Como qualquer outro gênero, a poesia deve ser desinteressada, livre de preocupações sociais, políticas, religiosas ou comportamentais, embora isso seja humanamente impossível, pois sabemos que a criação sempre vem contaminada pelo ponto de vista do autor, por suas crenças e valores mais íntimos.

Compreendemos a fala da professora como um gênero que ande no processo contrário das leituras panfletárias, onde o trabalho da linguagem fica aquém e há o domínio de textos encomendados que dialogam com as imposições do mercado editorial. Todavia, tal como Marta argumenta, o texto literário, indiferente do gênero, é escrito por um sujeito e isso implica que haja uma contaminação de sua formação.

Diante disso, eleger a obra de uma mulher-brasileira-viva para a escrita deste artigo é, também, desejar que seus poemas circulem e ganhem espaço, pois sua escrita tem qualidade estética e ao mesmo tempo possui marcas de uma mulher que por meio da literatura tem contribuído para pensar a sociedade, em especial, o ser mulher. Ademais, essa escolha se desdobra em alguns caminhos que nortearão todo o processo analítico/reflexivo. De início, informamos que o livro eleito como *corpus* é *Dois em um* (2008), catalogado como literatura brasileira e selecionado como parte do acervo direcionado ao Ensino Médio que foi comprado com verba pública por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE, no ano de 2011; o livro foi laureado com o Prêmio Jabuti, uma das premiações mais importantes do país, na categoria poesia em 2009. Tais informações se fazem necessárias, ao passo que o livro, não catalogado

como literatura juvenil, pode despertar o interesse no público jovem, seja pela temática e/ou ainda pelo trabalho estético, e contribui com a discussão acerca da segmentação juvenil. Dito isso, pontuamos que o texto literário possui uma dimensão dialética, uma vez que a literatura é movimento que transita no tempo e entre leitores. A poesia de Alice Ruiz convida o jovem leitor para inaugurar novas reflexões acerca do ser feminino, evocando deslocamentos de seu sentir, pois a sua produção poética entrega aquilo que está no vicejar da mulher, tais como a relação com o corpo, o amor, o tempo e as inadequações de, muitas vezes, nem ser no mundo. Andruetto (2012) situa que um bom escritor é aquele que olha para o mundo, procurando formas e palavras que possam universalizar sua experiência. A estudiosa ainda acrescenta que:

a tendência a considerar a literatura infantil e/ou juvenil basicamente pelo que tem de infantil ou de juvenil é um perigo, uma vez que parte de ideias preconcebidas sobre o que é uma criança e um jovem e contribui para formar um gueto de autores reconhecidos, às vezes até mesmo consagrados, que não tem valor suficiente para serem lidos por leitores tão somente. Se a obra de um escritor não coincide com a imagem do infantil ou do juvenil do mercado, das editoras, dos meios audiovisuais, da escola ou de quem quer que seja, deduz-se (imediatamente) dessa divergência a inutilidade do escritor para que possa ser oferecido a esse campo de potenciais leitores (Andruetto, 2012, p. 60-61).

No contexto, a literatura juvenil fica refém de seu funcionalismo e teor utilitário na formação do(a) leitor(a). Apresentar textos literários que transcendem esses estigmas é uma maneira de desdobrar as reflexões que o indivíduo realiza em seu processo de amadurecimento, apropriando-se da literatura como meio de fruição, de identificação, sobretudo, como compreensão de mundo, exercendo, assim, um olhar de alteridade. Andréia de Oliveira A. Iguma (2023, p.191), embasada em Deleuze e Guattari (1995, p. 70), desenvolveu a noção de que “o jovem é o devir entre o devir-criança e o devir-velho e/ou devir/mulher, posto que é sempre o devir-jovem que distancia o devir-criança da próxima etapa, ou seja, é um devir entre devires”, ou seja, esses(as) jovens ocupam a margem dentro do sistema e propiciam que obras, tal como a eleita como *corpus*, estejam ao alcance desse público é contribuir com o processo de autodescoberta e de subjetivação desses sujeitos.

Ademais, é do nosso interesse pensar a partir dos poemas “O que é o que é” e “A bela adormecida no espelho”, *corpus* deste trabalho, como a mulher é representada, pois um traço que marca a poética de Ruiz é o de descrever o ser feminino em toda a sua multiplicidade, ação que, quando bem estimulada, a leva à emancipação não só em uma perspectiva material, mas psicossocial. Goldman (2021) cita que “a emancipação deve tornar possível à mulher ser humana no sentido mais verdadeiro. Tudo o que nela anseia por afirmação e atividade deve alcançar a mais plena expressão”. Diante disso, explicitamos que a abordagem de análise dos poemas segue o pós-estruturalismo para justificar a hermenêutica construída a partir dos textos de Alice Ruiz na formação do(a) jovem leitor(a), tendo em vista que tal abordagem sugere uma formação leitora aberta à compreensão dos sistemas culturais e sociais a partir do texto literário.

2. “A bela adormecida no espelho”, de Alice Ruiz

Ao ponderarmos sobre as diversas possibilidades de significação do seu nome, como poderíamos apresentar Alice Who is?¹ A própria sonoridade do sobrenome, Ruiz, nos conduz a uma reflexão sobre sua figura, enquanto poeta, militante e mulher. Com esta onomatopeia, podemos abrir as cortinas para apresentá-la: nascida em Curitiba, Paraná, em 22 de janeiro de 1946, Alice Ruiz apresenta uma extensa produção literária e cultural. Ela já desenvolveu ensaios sobre a mulher, editou revistas de astrologia, roteirizou mitologia grega e escreveu histórias em quadrinhos e contos eróticos.

No que diz respeito à sua produção, destacamos as seguintes obras: *HQ Afrodite: quadrinhos* eróticos (1978), em parceria com Paulo Leminski, *Navalhanaliga* (1980), *Paixão xama paixão* (1983), *Pelo pelos* (1984), *HAI-TROPIKAI* (1985), *Rimagens* (1985), *Vice versos* (1988), *Desorientais* (1996), *HAIKAIS* (1998), *Poesia pra tocar no rádio* (1999), *YUUKA* (2004), o álbum *Paralelas* (2005), *Salada de frutas* (2008), *Conversa de passarinhos* (2008), *Dois em um* (2008), *Três linhas* (2009), *Boa companhia* (2009), *Nuvem feliz* (2010), *Jardim de haijin* (2010), *Proesias* (2010), *DOIS HAIKAIS* (2011), *Estação dos bichos* (2011), *Luminares* (2012), *Outro silêncio* (2015) e "amorhumorumor" (2020).

Poetisa coisa nenhuma! Alice Ruiz se denomina como poeta, já se impondo como mulher que escreve e que tira de si o estigma do termo poetisa, o qual revela sentidos antagônicos ao termo poeta, comumente designado aos escritores de poesia. Anaís Nin (2022), em sua obra *Ser mulher e outros ensaios*, pontua que devemos questionar todas as histórias, estatísticas, confissões e biografias, e criar nosso padrão individual próprio. Não podemos negar o passado. Entretanto, não podemos abrir mão do que ele nos negou, que foi um se debruçar sobre o lado introspectivo da mulher e as suas necessidades. Ao se denominar poeta, a escritora Alice Ruiz se impõe e confessa a sua necessidade, firmando a sua identidade no meio literário.

Nesse sentido, no contexto da poesia brasileira contemporânea, há uma diversidade de poetas que desenvolvem o seu projeto estético na tradição da poesia moderna. Alice Ruiz compõe seus poemas com temáticas do universo feminino e de cunho experimentalista, já que estimula a percepção de consciência dos sentidos, sendo o corpo o próprio palco para performatizar essas experiências e reflexões. Prova disso, é a obra *Navalhanaliga*, inserida no livro *Dois em um* (2008), que apresenta uma representatividade relevante na escrita poética de Ruiz tanto por ganhar o prêmio de melhor obra pela Secretaria Estadual de Cultura do Paraná, quanto por apresentar um repertório que procura traduzir as experiências de mundo de mulheres inseridas em um contexto social predominantemente machista e por proporcionar o diálogo com o feminismo por meio da linguagem poética.

Lançado nos anos de 1980, o livro contempla poemas que dispõem de uma profunda reflexão sobre as condições sociais da mulher, o lugar de fala por meio da linguagem e o reflexo do discurso patriarcal como um princípio que molda a personalidade feminina nos anos de 1970. O poema “O que é a que?”, a título de exemplo, é considerado pela própria poeta um manifesto feminista. O processo de composição deste poema, de acordo com Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel (2010, p. 174), dá-se a partir de recortes de frases de teor machista em jornais e revistas que Alice Ruiz lia, evidenciando, por sua vez, a densa influência da voz masculina no meio de comunicação. Após o processo criativo, os fragmentos tornaram-se versos, os quais

¹ Na tese *Navalhanaliga: a poética feminista de Alice Ruiz*, Murgel (2012) discute a expressão “Alice who is” como uma assinatura que a poeta construiu para assinar os seus poemas.

criticam o patriarcalismo e as construções estereotipadas da mulher, o que torna o poema em lugar de fala da mulher, ou, conforme Elaine Showalter (1994), em território selvagem, lugar onde o discurso potencializa a consciência feminina diante dos desafios que a sociedade impõe. O poema a seguir lança mão de uma estrutura poética próxima de um adivinha, estabelecendo um jogo com as palavras acerca de papéis, tantas vezes, enraizados pelo senso comum:

O que é a que é

Usada e abusada.
Palpável mas oca.
Amainada para mãe.
Acusada e recusada.
Calada e mal falada.
Alienada e esquecida.
Ordenada e ordenhada.
Solicita e solicitada.
Bordadeira e abordada.
Afastada e sempre à mão.
Moderada e bem adornada
Dá a luz e vive escondida.
Transcende em descendência.
Mal informada forma pessoas.
Foi vocada a não ter vocações.
Sem necessidades, só caprichos.
Inclinada por instinto só ao lar.
Criticada e fadada à idade crítica.
Econômica nada entende de Economia.
Domingo, dia do Senhor, não descansa.
O que no homem é estilo nela é relaxo.
Não dá tom e dança conforme a música
Chora quando não tem mais nada a dizer.
Consumidora voraz é vorazmente consumida.
É o que mais consta e o que menos se nota.
No dicionário figura como a fêmea do homem.
Para compreender não tem muito o que aprender.
A melhor paisagem atrás do buraco da fechadura.
Produz pouco porque já reproduz e isso lhe basta.
Não precisa ser atualizada, mas deve andar na moda.
A força que despense para ser frágil continua oculta.
As suas tentativas de participação recebem como intromissão.
Já que não tem responsabilidade não pode ter mau-humor.
Tem que ser uma obra de arte que não fique para a posteridade.
Perde tanto sangue que fica com o que se chama por aí de “sangue de barata”.
Dócil, meiga, sutil e submissa, deixa aos homens os defeitos correspondentes.

PRECISA-SE: TORNEIRO MECÂNICO, CONTADOR, ANALISTA DE SISTEMAS, ENGENHEIROS, ETC COM CAPACIDADE COMPROVADA, E DE UMA RECEPCIONISTA COM ÓTIMA APARÊNCIA.

Pode escolher entre o céu e o inferno, mas a terra não, essa é do sexo oposto.
Entrave para a liberdade masculina através das traves da obediência.
Quanto mais espírito melhor, mas o futuro acaba junto com a beleza.
Se for grande é porque está por detrás de um grande homem.
Sempre esperando e levando a fama de se fazer esperar.
Seu entusiasmo é chamado de assanhamento.
Nascida para dentro aí ficará até
que a terra coma o resto que os
filhos e os homens deixam.
Faz par mas embaixo.
(Ruiz, 2012, p. 194)

Embora o título do poema "O que é a que é?" sugira uma leitura próxima ao gênero da adivinha, percebemos que o texto poético de Alice Ruiz dispõe de elementos estéticos que direcionam o leitor a uma dinâmica de leitura inspirada nesse gênero textual típico da cultura popular, como, por exemplo, os versos livres, a pontuação que delimita a dinâmica de leitura e a construção do discurso a partir de figuras coordenativas.

No que diz respeito à versificação, a estrutura dos versos livres – ora curtos ora longos – contribuem para dar visibilidade ao discurso poético, o qual está centrado no ideal de mulher conforme a cultura machista, atribuindo-lhe um significado de imaculada (*Domingo. dia do Senhor. não descansa.*), o destino de ser apenas mãe (*Produz pouco porque já reproduz e isso lhe basta.*), um papel de coadjuvante (*Se for grande é porque está por detrás de um grande homem.*) e uma personalidade invejosa (*Suas tentativas de participação recebem como intromissão.*). Dentro desse contexto, este modelo feminino pode ser analisado como um dos instrumentos de poder consolidados por uma sociedade opressora, já que, conforme Butler (2021), *os sujeitos regulados* – as mulheres – apresentam um arquétipo engendrado por um sistema de domínio patriarcal, que tem como propositura reproduzir o discurso de cunho machista no contexto social.

No que concerne à disposição dos versos, percebemos que a versificação no poema é configurada por uma figura coordenativa aditiva /e/ e adversativa /mas/, favorecendo a construção de um enunciado poético que critica as características estereotipadas da mulher. Desse modo, o conectivo aditivo /e/ (*Usada e abusada*) está contribuindo para a elaboração de um discurso sobre o qual reflete diretamente ao campo político, uma vez que está relacionando dois termos comuns ao vocábulo, conforme Bourdieu (2002, p. 4), da “lógica da dominação”, que consiste em um princípio simbólico do dominante (homem) e aceito pelo dominado (mulher). Dentro desse contexto, a mulher “usada” e “abusada” é aquela que tem o corpo e a moral violados. Ainda de acordo com o filósofo, o símbolo da dominação está presente na língua, ou na maneira de falar, e no modo de agir e ser no campo social. Podemos destacar, por exemplo, o verso “No dicionário figura a fêmea do homem”, o qual evidencia a língua como um instrumento que corrobora para a dominação e manutenção do poder falocêntrico, e “Dócil, meiga, sutil e submissa, deixa aos homens os defeitos correspondentes”, que, através dos epítetos /dócil/, /meiga/, /sutil/ e /submissa/, confere à mulher um estilo de vida à margem do homem.

A conjunção adversativa "mas" (Palpável, mas oca) contrapõe dois epítetos que têm como finalidade atribuir uma qualidade à mulher conforme a lógica do patriarcado. Relacionar o corpo feminino a um objeto "palpável" e questionar sua integridade intelectual como "oca" podem ser considerados uma violência simbólica, já que, segundo Bourdieu (2002), evidencia a dominação masculina sobre a mulher na forma como a realidade é representada na divisão entre os sexos no contexto social. Esta representação da realidade é, conforme Foucault (2014, p. 34-35), uma sistematização de aprendizagem e memorização que fundamenta um conjunto de saberes de ordem masculina predeterminados. Tendo em vista a consolidação de conceitos que representam as propriedades da natureza feminina no contexto social sob a ótica masculina, esses saberes são reverberados ao longo dos séculos. Sendo assim, os discursos presentes no poema de Alice Ruiz permitem a percepção estereotipada da mulher, que é apresentada como submissa aos homens, direcionada apenas aos afazeres domésticos e maternos, e destinada a satisfazer o prazer masculino.

Tendo em vista que a memória e a experiência humana são um conjunto de saberes fundamentados por um sistema político dominante, as especificidades correspondentes às mulheres como um indivíduo imaculado, invejoso, reprodutivo e submisso ao homem são reproduzidas ao longo dos séculos. De acordo com Mignolo (2001), em *Lógica das Diferenças e Políticas das semelhanças da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa*, a literatura é uma expressão que testemunha as práticas sociais e políticas de uma determinada época e oferece ao leitor subsídios para compreender o presente através do passado. Sendo assim, o receptor pode compreender o discurso machista e os mecanismos de controle do patriarcado a partir da poesia de Alice Ruiz. Ainda seguindo o contexto das práticas regularizadoras, o poema “A BELA ADORMECIDA NO ESPELHO”, que está inserido na obra *Dois em um* (2008), apresenta uma discussão em torno de um sistema de controle que normatiza as experiências de mundo da mulher:

A BELA ADORMECIDA NO ESPELHO

Há mulher mais bela que eu?

Olhar doce
azul turquesa
abertos à força do rímel?
olhos que não vêem
coração que não sente
fotografia em movimentos
suaves, suaves, suaves.
Do outro lado
pano de fundo
o mundo.
Retorno
contorno a boca
por dentro, catatonia
não se transparece
na aparência oca.
Ombro reto
sobrancelha arqueada
falta pouco
para ser amada.
Caricatura, minha cara
ranhura na moldura
essa ruga
não devia estar aí
se multiplica
contra a vontade
no tempo gasto
para não deixar
aparecer o tempo.

Me diga espelho meu
(Ruiz, 2008, p. 203)

No que diz respeito à estrutura, o poema é composto por três estrofes, sendo duas monósticas e um agrupamento de vinte e oito versos, totalizando trinta versos livres. Dentro desse contexto, podemos perceber uma intencionalidade na composição poética, em que o primeiro e o último verso do texto estão mimetizando uma espécie de moldura, a qual procura delimitar, ao leitor, um espelho, cuja cena reproduzida é de uma mulher que contempla a sua própria imagem. Para iniciar a leitura analítica do poema,

atentamos para o título “A BELA ADORMECIDA NO ESPELHO”, o qual nos remete aos contos de fadas “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve e os sete anões”, dos irmãos Grimm, cujas personagens centrais foram amaldiçoadas por outras mulheres. Enquanto a primeira personagem foi amaldiçoada aos dezesseis anos, com a profecia de um sono eterno, a Branca de Neve foi condenada à morte após o espelho de sua madrasta revelar que existia uma mulher mais bonita que a rainha má.

Nesse sentido, quais camadas temáticas da narrativa dos contos dos irmãos Grimm podem ser interseccionadas ao poema de Alice Ruiz? À vista disso, destacamos o confronto discursivo entre Branca de Neve e a rainha má, no qual a noção de beleza pode ser evidenciada, assim como a questão da eterna juventude, presente em “A Bela Adormecida”. Essas referências discursivas podem nos proporcionar questionamentos em relação ao texto da poeta: quem é essa bela adormecida? Por que ela dorme no espelho? É no contato com o primeiro e o último verso (*Há mulher mais bela que eu?/Me diga, espelho meu*) que vamos desvendando as inquietações desse eu poético e, aos poucos, conhecendo essa Bela que dorme. Dessa forma, a fala da madrasta, do conto “Branca de Neve e os Sete Anões”, é exaltada de forma direta, uma vez que a reprodução *ipsis litteris* nos oferece a dimensão imagética de como o eu poético se posiciona na cena.

No que se refere às referências evidenciadas no poema de Alice Ruiz, as vozes que se cruzam no enunciado são, conforme Julia Kristeva (1979), a disseminação e a redistribuição de textos anteriores em um texto atual, que se constrói a partir da absorção e da transformação de outro texto. De acordo com Villa-Forte (2021), essa estratégia é, antes de mais nada, um estabelecimento de contato, pois há uma obra que se constitui a partir de outra, criando um novo corpo, fundado na invasão de outros corpos. O diálogo também é construído no campo temático-ideológico, visto que o eu poético, para se posicionar diante do espelho, recorre a outras personas para se apresentar, pois se veste de outras mulheres: a Bela Adormecida, que dormiu por mais de cem anos; e a Rainha, que se apropria do espelho para se autoafirmar como a mulher mais bela do reino. Comumente, nos contos de fadas, o espelho é utilizado para reforçar inquietações das personagens, tornando-se, muitas vezes, um portal, uma prisão, um artefato mágico para iludir e remodelar a realidade, ou até mesmo revelar a verdade interior de quem o contempla.

No campo temático-ideológico, assim como ocorre no poema “o que é a que é?”, o texto poético acima dispõe de um dispositivo que contribui para estereotipar a mulher, uma vez que se apropria, de acordo com Murgel (2010, p. 192), de uma “memória coletiva”. Este mecanismo comum ao sistema de poder falocêntrico regula e normatiza os padrões de beleza por meio de um processo de aprendizagem e memorização social. Dessa forma, a mulher que se encontra catatônica, imóvel diante do espelho, contempla partes do rosto e do corpo (“olhos”, “sobrancelha”, “boca” e “ombros”), a fim de observar o efeito do tempo através da maquiagem nos olhos: Olhar doce/azul turquesa/abertos à força de rímel?.

A partir desse viés, o discurso em torno das estratégias de retardar o envelhecimento feminino é evidenciado não apenas no questionamento inicial do poema; e sim na percepção do desgaste do corpo: essa ruga/não devia estar aí/se multiplica/contra vontade/no tempo gasto/para não deixar/aparecer o tempo. Dentro desse contexto discursivo, o corpo feminino que não pode envelhecer para atender padrões de um sistema político e social fundamentado por homens, como também a obsessão pela juventude, a qual é imposta pelo patriarcado, são instrumentos políticos de que a poesia de Alice Ruiz se apossa, pois mesmo que o gênero não tenha como foco discutir questões políticas, é impossível desvincular do processo de escrita, tal como

lembra Martha (2012), no excerto que integra a introdução deste artigo. Sendo assim, podemos relacioná-la à poética feminista, uma vez que se trata de uma discursividade de teor político, no qual a memória individual, protagonizada por mulheres, constrói, de acordo com Vianna (2004), o inventário de situações caóticas por meio da apropriação de uma memória coletiva, que é normativa e moralizante. Desse modo,

toda discursividade produzida pelo sujeito feminino que, assumidamente, ou não, contribua para o desenvolvimento e a manifestação da consciência feminista, consciência esta que é sem dúvida de natureza política (O pessoal é político), já que consigna para as mulheres e sobre os outros, conhecimento de sua subjetividade, voltada esta para o compromisso estabelecido com a linguagem em relação ao papel afirmativo do gênero feminino em suas intervenções no mundo público. Consciência com relação aos mecanismos culturais de unificação, de estereotipia e exclusão. E ainda, a consciência sobre a necessidade de participar conjuntamente com as demais formas de gênero (classe, sexo, raça) dos processos de construção de uma nova ordem que inclua a todos os diferentes, sem exclusões. Poética feminista é poética empenhada, é discurso interessado. É política. (Vianna, 2004, n.p.).

Quando Vianna (2004, n.p.) comenta que “o pessoal é político” e que todo discurso produzido por mulheres é de interesse político, o qual o caótico e o processo de estereotipia são evidenciados no texto poético, podemos relacionar o engajamento pessoal, ou o de pequenos grupos sociais, às discussões da microfísica do poder de Foucault (2014), tendo em vista que a apropriação dos mecanismos culturais do patriarcado, que é essa memória coletiva, é um dos instrumentos de crítica à política masculina que a literatura de autoria feminina apresenta. À vista disso, investigar o projeto estético de Alice Ruiz sob a ótica da poética feminista é incluí-lo na perspectiva política, é torná-lo visível, já que a poeta se utiliza da linguagem para discutir a mulher no âmbito social e as suas formas de poder.

Em consonância, no poema, a relação mulher-espelho vai sendo construída pelo ato de se maquiar. Nesse sentido, o eu poético se contempla e insinua-se em um jogo metonímico para o leitor. Por exemplo, “olhar doce/azul turquesa”, “sobrancelha arqueada”, “contorno da boca” são expressões que norteiam o todo (face) do eu que vai refletindo a sua ação. Cohen (1974) sugere que esse recurso se dá pelo caminho da contiguidade, ou seja, há uma sequência de elementos que estimula a construção imagética do ato descrito.

Esses termos que são seguidos a partir do questionamento “Há mulher mais bela que eu?” Chamam a atenção para suas particularidades de contemplação diante do espelho quando é suscitado “Olhar doce/azul turquesa/abertos à força do rímel?”. Infere-se uma percepção de um olhar não natural, já que o uso do rímel é utilizado para levantar o olhar, escondendo, possivelmente, aspectos físicos de mudança em função do tempo.

Os versos “olhos que não vêem/coração que não sente/fotografia em movimentos/suaves, suaves, suaves”, nos dão a noção de que o fato de não sentir pode estar atrelado à uma perspectiva pragmática daquele indivíduo que já se contentou com a situação em que se encontra e que o olhar que não vê, o coração que não sente já não suscitam a euforia do passado juvenil. A fotografia, que é estática, é posta em movimento. Isso é configurado pelo campo da sonorização, o qual contribui para essa percepção de deslocamento. Notamos que as vogais orais /o/ e /u/ atribuem abertura. Em seguida, o som das vogais nasais /ão/ e /en/ nos faz ter a ideia de um “quase fechamento”. A abertura com a vogal oral /a/ em “suaves, suaves, suaves” alude ao movimento delicado que se faz ao passar o rímel nos cílios.

Por meio dessas observações percebemos que o eu poético se encontra diante do espelho se maquiando e contemplando a própria ação que faz sobre si. No entanto, ele sai desse plano de apreciação e se coloca a observar o que está fora, no caso, um plano externo, que é o mundo, seu plano de fundo. Esse movimento cria um jogo de deslocamento que ora o sujeito lírico se encontra dentro do espelho, ora se encontra fora, já que o verbo “retornar” no presente do indicativo “retorno” o faz voltar para o plano interno.

Seguindo essa ideia, a imagem que se mostra no espelho está em um plano estático, então a catatonia pode suscitar a variação de um espírito cheio de sentimentos confusos, que não se mostram na “aparência oca” do espelho, mas que nos remete à existência do ser que se contempla. A noção de observação de partes específicas do corpo, tais como “ombro reto” e “sobrancelha arqueada”, sugere um caráter de elegância, porém em uma perspectiva irônica, posto que os versos que se seguem “falta pouco”/ “para ser amada” descrevem o eu poético em relação ao outro, ou seja, para ser aceita é imperativo que ocorra uma transformação, a qual é movida pelo seu mascaramento e enrijecimento.

O termo “Caricatura” surge não como algo satírico, mas como deformador da naturalidade feminina, tendo em vista que o sujeito lírico vem se maquiando (versos 4 e 13). Assim, essa nova face que se apresenta não deveria estar ali: é uma “ranhura na moldura”. A “ruga” também não deveria estar ali, mas como é algo natural se multiplica. Daí provém a necessidade de se maquiar - ação que leva tempo (tempo gasto), porque não se pode deixar aparecer o corpo que é afetado pelo envelhecimento. Para enaltecer esses pontos, a poeta Alice Ruiz abre mão da técnica quantitativa. Spitzer (2003) compreende isso como um recurso que multiplica as evidências do que se descreve no texto. Dessa forma, a construção imagética que temos da cena é dada mediante essa sucessão de movimentos e de reflexões que o eu poético faz de si sobre as marcas do tempo, entregando aos(as) leitores(as) diferentes caminhos interpretativos, isto é, a depender da percepção de cada leitor(a).

A retomada do questionamento em relação ao espelho é tida como uma predileção do objeto em si com a presença do pronome possessivo “meu” e do pronome pessoal “me” Ressaltamos, aqui, que o termo “espelho” de acordo com Chevalier (1986, p. 474) denota “*la verdad, la sinceridad, el contenido del corazón y de la conciencia*”². Então, a contemplação do sujeito lírico evoca a consciência sobre aquela verdade: o tempo é um senhor que gasta tudo, até mesmo as máscaras.

A resposta ao questionamento “Há mulher mais bela que eu?” [...] “me diga espelho meu” pode ser respondida com a retomada do título quando sugere a bela adormecida no espelho. O uso do verbo “haver”, no primeiro verso, dando a ideia de um sujeito inexistente, não nos tira de tempo, posto que o complemento verbal resgata a existência do ser que é mais belo: a Bela Adormecida. A mulher mais bela é aquela que adormece no espelho, aquela que se mascara. Notamos que o poema em questão aponta um ambiente que se dá em um mundo exteriorizado e interiorizado, ressaltando como tema central o envelhecimento feminino. Dessa forma, Corrêa (2023) nos explica que a ideia de envelhecimento bem-sucedido é bastante relevante para a mulher, assim evitar o declínio físico e assumir o controle de seu processo de envelhecimento é um objetivo buscado a qualquer custo. Isso se dá pelas pressões do patriarcado, em que as mulheres são valorizadas pela régua do olhar masculino, o qual relaciona a beleza com juventude e fatores reprodutivos.

² “A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência ” (tradução livre).

No poema esse conservadorismo da aparência jovial se dá pelo uso da maquiagem, a qual vai “retirando” as impressões do tempo no corpo feminino. Isso é intensificado pelas rimas internas /ão/, /an/, /en/, /on/ e /un/, as quais promovem a exaltação da particularização do indivíduo que se contempla.

Nesse sentido, o lirismo parte de uma interiorização, uma vez que o conteúdo apresentado surge de uma reflexão. Hegel (1980, p. 221) menciona que o conteúdo da poesia lírica é, pois, a maneira como a alma com seus juízos subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações tomam consciência de si mesma no âmago deste conteúdo. É nesse limiar que o poema pode ser recepcionado, porque, no decorrer da leitura, é notável a consciência que se cria a partir da contemplação do eu poético diante do espelho, observando as suas mudanças físicas e como isso toca o seu sentir. Podemos chamar essa relação de *um – no – outro*, como sugere Staiger (1973), de disposição anímica. Essa expressão se denomina como aquilo que não seria nada que existe “dentro” de nós; e sim na situação em que nos encontramos “fora”; não diante das coisas, mas nelas e elas em nós, ou seja, é uma relação íntima entre o ser que se coloca por meio da poesia e o ser que se sensibiliza diante do enunciado poético.

3. Considerações Finais

Os poemas eleitos como *corpus* deste trabalho, escritos por Alice Ruiz, trazem em seus cernes a mulher (re)construída socialmente, uma vez que o eu poético apresenta tanto em “O que é o que é”, quanto em “A bela adormecida no espelho”, mulheres que questionam os avessos de uma sociedade machista em que seus papéis são sempre secundários, até mesmo, quando exercem o protagonismo. Ademais, possibilitam que discussões histórico-sociais sejam estabelecidas a fim de não normatizar o que precisa ser pauta de políticas públicas e, com isso, alcançar todas as agendas, seja na área da saúde, da educação, entre tantas outras.

Aqui, validamos os poemas como jogos, fazendo referência ao Huizinga (1971), posto que o primeiro poema “O que é o que é” estabelece uma relação direta com as adivinhas, gênero popularmente conhecido, é a partir de um jogo que questiona e ao mesmo tempo afirma, sistematiza inúmeros problemas que atravessam a condição feminina. Nesse ponto, chamamos a atenção para a linguagem adotada pela poeta e a maneira que construiu cada estrofe que, pela nossa leitura, pode ser um chamariz para introduzir (ou aprofundar) os(as) jovens ao universo da poesia e desmistificar que ler poemas é difícil ou que é uma prática apenas a uma parcela da sociedade.

Na mesma esteira de pensamento, o segundo poema, “A bela adormecida no espelho” - parte de um imaginário coletivo construído a partir da presença dos contos de fadas, sejam os compilados pelos Irmãos Grimm, sejam os popularmente difundidos a partir das produções da Disney. Aqui, evocamos que Ruiz, com sagacidade, recupera elementos populares como uma possibilidade de estabelecer uma conexão entre texto e leitores(as) e com isso mostrar ao seu público que seus poemas são/estão para qualquer pessoa que almeje lê-los. Retomando novamente a ideia de jogo construída por Huizinga (1971), a autora joga tanto com os elementos de fundir dois contos de fadas: A bela adormecida e a Branca de neve, tanto com a ideia do duplo (Freud) em que o sujeito, quando vive longe de si, se reconhece no outro e, com isso, não sabe o que é seu e o que é não é. Infelizmente, a nossa história é recheada de situações em que as mulheres vivem vidas alheias, seja as dos filhos, maridos, pais, mães, patrões e a lista

segue e, assim, vivem estáticas frente ao espelho que reflete uma representação do que a sociedade fez consigo.

Pensar este poema em sala de aula, aqui, focando nosso trabalho nos sujeitos que estão no Ensino Médio, é afirmar que a literatura não está distante da realidade desse público, pelo contrário, ela pode ser um ativador de sentidos e potencializar o processo de subjetivação. Para tanto, obras como a de Ruiz não podem ficar empoeiradas nas prateleiras das escolas públicas brasileiras, uma vez que elas foram compradas com verba pública e são por direito nossas e elas podem e precisam estar ao alcance das nossas juventudes a fim de que a palavra seja dita, mastigada e deixe de ser sintoma e passe a ser ação. Ruiz é uma mulher-brasileira-viva que precisa ser lida. Ruiz é uma poeta que rompe com a “Elisão de limites, temáticos e genológicos, entre produções artísticas destinadas a públicos aparentemente distintos!” (Ramos, 2009, p. 301) e, também, por isso, precisa ser lida pelas juventudes.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Organizadores). **Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. Trad. de Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974.

CORRÊA, Luciana Silva. Envelhecimento feminino e etarismo nas organizações: o desafio da mulher madura no mundo do trabalho. In: **Revista USP - Organicom**. N. 41. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2014

GOLDMAN, Ema. A tragédia da mulher emancipada. In: _____. **Sobre anarquismo, sexo e casamento**. São Paulo: Hedra, 2021.

HEGEL. **Estética-Poesia**. Trad. de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, 1980 (vol. VII).

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Pequena prosa sobre versos. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; (Orgs.). **Poesia infantil e juvenil brasileira**: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 45-73.

MIGNOLO, Walter D. Lógica das diferenças e política das semelhanças: da Literatura que parece História ou Antropologia e vice-versa. In: CHIAPPINI, Lígia & AGUIAR, Flávio Wolf de (org.). **Literatura e História na América Hispânica**: Seminário Internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 115-134.

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. “**Navalhanaliga**”: a poética feminista de Alice Ruiz. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

NIN, Anaís. **Ser mulher e outros ensaios**. Porto Alegre: L&PM, 2022.

OLIVEIRA-IGUMA. **Dois décadas de literatura juvenil premiada**: juventudes, temas e formas. Presidente Prudente: Educação Literária, 2023.

RAMOS, Ana Margarida. **Saindo do Armário**: literatura para a infância e a reescrita da homossexualidade. Forma Breve, n.7, p. 295-314, 2009.

RUIZ, Alice. **Dois em um**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SHOWALTER, Elaine. A crítica Feminista no Território Selvagem. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (Org). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da Cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

STAIGER, Emil. Estilo lírico: a recordação. In.: _____. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução: Celeste A. Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 19-73.

SPITZER, Leo. **Três poemas sobre o êxtase**. Tradução Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

VIANNA, Lúcia Helena. **Poética feminista – poética da memória**. Labrys: estudos feministas. n 4, 2003. Disponível em:
<http://www.labrys.net.br/labrys4/textos/lucia1.htm>.

VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever**: literatura e apropriação no século XXI. Belo Horizonte: Relicário, 2019.